



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. II (2001)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Notícias de além-mar

Maria Cecília Guirado 

Como Citar | How to Cite

Guirado, Maria Cecília. 2001. «Notícias de além-mar». *Anais de História de Além-Mar* II: 73-85.
<https://doi.org/10.57759/aham2001.46904>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2001. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2001. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

NOTÍCIAS DE ALÉM-MAR

por

MARIA CECÍLIA GUIRADO *

As notícias dos descobrimentos marítimos portugueses, na passagem do século xv para o século xvi, embora não fossem escritas para o grande público, acabavam por contaminar o imaginário da época, como também reforçavam o desejo de aventura em direção ao novo. As novas sobre as descobertas lusitanas percorriam a Europa como um rastilho de pólvora, fazendo com que a curiosidade sobre o além-mar fosse multiplicada e difundida em testemunhos reais e imaginários.

Nas ruas acotovelavam-se estrangeiros de diversas nações, ingleses, alemães, flamengos, suíços, franceses, italianos e castelhanos, que vinham procurar na melhor fonte mais circunstanciada notícia das cousas orientais; outros aqui se transportavam na esperança de engrossar os seus negócios (...); muitos alistavam-se ao serviço de El-Rei de Portugal, como bombardeiros e soldados; não poucos embarcavam com a nossa marinhagem, oferecendo-se a participar de todos os perigos e trabalhos; alguns espreitavam e seguiam os estudos dos nossos cosmógrafos, ou pelo sincero desejo de os conhecer, ou pelo oculto propósito de os aproveitar e alardear como próprios. Lisboa era uma cidade cosmopolita, verdadeira terra de promissões para aventureiros ¹.

O fenômeno da expansão planetária, que hoje atinge as raias da globalização, inicia-se em Agosto de 1434, quando Gil Eanes dobra o Cabo do Bojador. Para além da ultrapassagem física de um obstáculo marítimo, a aventura do navegador português (pertencente à fase henriquina dos descobrimentos, narrada por Zurara na *Crónica dos Feitos da Guiné*) viria marcar

* Do Instituto Piaget, professora do curso de Ciências da Comunicação, jornalista e investigadora do Centro de História de Além-Mar.

¹ Forjaz SAMPAIO, *História da Literatura Portuguesa*, Vol. I, Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1929, pp. 266-267.

também a passagem «de uma Idade dos Mundos Fechados a uma Idade do Universo Planetário Aberto»².

As informações passam a circular mais rapidamente e montam um quebra-cabeças que, ao princípio imaginário, torna-se efetivo com a descrição dos encontros de outros povos e de outras terras:

Não se falava em outra coisa que não fossem as novas que chegavam das terras recém descobertas, alcançando – através da imprensa – não só os homens de letras, mas também o homem comum por meio de folhas volantes, estampas e ilustrações³.

Portugal vive, em meados do século xv, um ambiente de epopéia. Os numerosos textos relativos às viagens ultramarinas são pela primeira vez impressos em latim, alemão, italiano, francês e holandês e passam a ser obras obrigatórias para os comentadores dos geógrafos e dos historiadores da Antiguidade⁴. Ao comparar a extensa produção, poucos são os textos sobre o assunto que se publicam em língua portuguesa nesta altura e nos anos subseqüentes. O fato justifica-se porque no início da tipografia portuguesa a classe dirigente não via nesta nova tecnologia um objetivo imediato⁵. A população, à volta de um milhão de habitantes, havia de dar conta de suas responsabilidades militares, marítimas e agrárias, sendo que os historiadores, relatores e poetas acumulavam funções de tempo inteiro como diplomatas, soldados etc.

Devido à conjunção destas circunstâncias, que fizeram coincidir os descobrimentos portugueses e a consolidação da imprensa com tipos móveis, dá-se a desestruturação do sistema e da cosmovisão medievais, obrigando o europeu a adaptar-se a um novo ordenamento do tempo e do espaço e inaugura-se uma nova era na comunicação, transmissão e intercâmbio de saberes e poderes entre os homens: a modernidade.

1. Entre o real e o imaginado

Era inevitável que existissem mútuas interações entre os feitos heróicos e a literatura de criação, entre o real e o imaginário, engendrando certa confusão nas mentes de todos. De uma maneira inconsciente, Vasco da

² Luís Felipe BARRETO e José Manuel GARCIA, *Portugal na Abertura do Mundo*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1991, p. 18.

³ Klaus WAGNER, *Viagens e viajantes no Atlântico quinhentista*, coord. Maria da Graça M. VENTURA, Lisboa, Colibri, 1996, p. 240.

⁴ Luís de MATOS, «La Littérature des Découvertes», in *Les aspects internationaux de la decouverte océanique – aux xv et xvi siècles, Actes du cinquième colloque International D'Histoire Maritime, Lisbonne (14-16 Septembre 1960)*, présentés par Michel MOLLAT et Paul ADAM, Paris, École Pratique des Hautes Études, 1966, pp. 28 e segs.

⁵ Jorge Borges de MACEDO, «Livros impressos em Portugal no século xvi – Interesses e formas de mentalidade», *Os Lusíadas e a História*, Lisboa, Editorial Verbo, 1979, pp. 44-45.

Gama, Colombo e outros navegantes e exploradores levaram às regiões que haviam descoberto as crenças da Idade Média, pelas quais estavam dominados, daí que estes argonautas regressassem com notícias de ilhas misteriosas habitadas por amazonas e de positivas indicações de proximidade do paraíso terrestre ⁶.

Os primeiros textos produzidos durante, ou imediatamente após, as viagens ultramarinas ainda refletem, na forma ou no conteúdo, algumas lembranças medievais das novelas de cavalaria ⁷, dos *libri monstrorum* e dos textos das *mirabilia*. A busca do Santo Graal, as lendas do Rei Artur e de seus cavaleiros da Távola Redonda, as cruzadas e todo o movimento de cristianização estavam enraizados na memória coletiva dos navegantes-descobridores. Os vários *libri monstrorum*, as tantas enciclopédias de coisas admiráveis redigidas na Idade Média, têm, nessa perspectiva, o valor não de outros itinerários no impossível, mas sim de catálogos topográficos, de percursos extravagantes, nessa realidade contaminada pelo mistério, pelo inexplicável, pelo sacro ⁸.

No medievo os textos de «maravilhas» multiplicavam-se nos *scriptoria* (*ateliers*) monásticos. Destacam-se entre eles os livros de Isidoro de Sevilha (510-639) *Etymologias*, uma verdadeira enciclopédia do saber da Antiguidade, contendo todos os seus deuses, suas instituições, seus monstros; *Do Universo*, redigido por Raban Maur (780-856); *l'Abrégé de Henri* ou *Summarium Heinrici* (1000-1020), uma glosa sobre as *Etymologias* escrito em alemão; o *Imago Mundi*, de Honorius Inclusus (cerca de 1100); *Florilège* (1120) de Lambert; *Image du Monde* (1123) por Honoré d'Augsbourg, com imenso sucesso, da qual Pierre D'Ailly faz uma tradução versificada em 1395. Estes e outros textos funcionaram como fonte criadora do maravilhoso ⁹, desembocando em outros textos literários até o final da Idade Média e início da era Moderna.

Neste contexto surge, em 1165, a famosa e apócrifa carta do Preste João das Índias, que incita os conquistadores ibéricos a saírem em busca de um reino cristão situado a princípio no Oriente e, depois, na África, onde se

⁶ Irving A. LEONARD, *Los libros del Conquistador*, México, Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 38.

⁷ O romance de cavalaria mais famoso da época era o Amadís de Gaula, cuja primeira versão foi impressa em 1508, em Zaragoza, escrita por Garci-Rodríguez de Montalvo. Embora existam controvérsias sobre a origem da obra – que possivelmente pode ter sido portuguesa – o certo é que Amadís será um cânone estético gerador de inúmeras outras novelas que colocam a glória e a fama, alcançadas nos campos de batalhas contra povos «bárbaros», como ideais últimos da humanidade daquela época.

⁸ Ettore FINAZZI-AGRÓ, «Ir algures – A delimitação do ilimitado na literatura de viagens dos sécs. xv e xvi», *Viajar é Descobrir*, Revista Novembro, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação / Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1993, pp. 15-16.

⁹ Claude LECOUTEUX, *Cultures et civilisations médiévales x les monstres dans la pensée médiévale européenne*, Paris, Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1995, pp. 9 e segs.

imaginava encontrar o Paraíso Terrestre. Lenda esta que teria influenciado o lado místico das descobertas portuguesas desde o Infante D. Henrique até D. Manuel I. O desejo de entrar em contato com o Preste João é um dos cinco objetivos que, segundo o capítulo VII da *Crónica da Guiné*, tinha em mira o infante D. Henrique ao mandar descobrir a costa africana para além do Bojador.

A seguir ficaram famosos os relatos de Marco Polo (veneziano que viveu entre 1254 e 1324), que em 1271 atinge, por terra, Pequim e viaja por 34 províncias do império tártaro, as costas e o mar da China e da Índia, descrevendo ilhas e fabulosas paisagens exóticas. O imaginário europeu foi também estimulado por Pierre d'Ailly, em 1410, com o *Ymago Mundi* (nos rastros de Plínio, Solinus, Orosius e Isidoro). Por esta época, o mundo, para além da ecúmena, era ainda povoado de monstros, prodígios, homens com pés gigantes, que se transformavam em chapéus e mais uma centena de horrores e maravilhas.

Ainda nesta categoria, embora contendo trechos de experiências verdadeiras, estão as viagens do famoso médico Mandeville (pseudônimo de Jean de Bourgogne), que teria viajado, ou imaginado viajar, pela Terra Santa, Egipto e Ásia. As *Viagens de Mandeville* foram divulgadas com profusão, desde a 1.^a edição de Lyon, em 1480. Calcula-se que o manuscrito tenha sido composto por volta de 1322, originalmente em francês, tendo sido impresso 35 vezes até 1501, ao passo que as *Viagens de Marco Polo* tiveram apenas 5 edições antes de 1500.

Vencidas as distâncias, vencidos os argumentos da autoridade clássica, através da experiência «madre de todas as cousas», no dizer de Duarte Pacheco Pereira, no *Esmeraldo de Situ Orbis*, de 1498, começam a cair por terra os saberes impostos pelos Antigos. Abre-se o espaço e o tempo para o registro e divulgação das experiências náuticas portuguesas.

Os novos textos de viagens despedem-se do maravilhoso, à medida que se progride no tempo, para se fixarem na tarefa marcadamente utilitária de registarem, com o possível mimetismo, os novos mundos que se depararam aos exploradores e viajantes¹⁰.

Os textos das descobertas iriam abalar a ciência livresca produzida em gabinetes, desmontando os labirintos míticos e místicos que haviam sido gerados pelos escritos medievais. «A descoberta da América faz duvidar de muitas coisas e a ânsia de informação generaliza-se.»¹¹ No ano de 1500 as cartas de Cristóvão Colombo já eram famosas na Europa, atingindo cerca de 20 edições. Em 1528, Américo Vespúcio teve suas cartas publicadas em 42 edições – incluindo as traduções para alemão, holandês, francês, além do italiano e do latim.

¹⁰ João Rocha PINTO, *A Viagem/Memória e Espaço*, Lisboa, Sá da Costa, 1989, p. 36.

¹¹ Alejandro Pizarrozo QUINTERO, *História da Imprensa*, Lisboa, Planeta Editora, 1996, p. 28.

Pedaços de conhecimentos, aos poucos, aglutinam-se formando a memória coletiva textual, que servirá de base e disseminação na formação/invenção de novos mundos possíveis ou de novos modos possíveis de habitar o mundo.

2. Curiosidade conquistadora

No contexto da difusão da notícia, durante a progressão dos descobrimentos e da expansão, a ligação entre a semiperiferia (a Península Ibérica, a que mais tarde se juntou também a Itália) e o núcleo (centro-norte-europeu) fez-se, no complexo espacial da Europa, por um cordão sensível, entretecido pela cadeia infinita de notícias que chegavam ou eram geradas em todos os portos e, antes de todos, na imperial Lisboa, cidade do mar e centro nevrálgico das decisões e da intriga respeitantes ao comércio asiático ¹².

Navegadores, mercadores, degredados, religiosos, militares e sobreviventes dos naufrágios produziram discursos coerentes com a sua condição social e humana. Cada qual imprimia ao texto o seu ponto de vista, o seu modo de ser e de interpretar a vida, ou melhor dizendo, o seu modo de olhar. Como diria Michel Certeau (*L'écriture de l'histoire*):

O olhar está ao serviço de uma descoberta do mundo: é a guarda avançada de uma «curiosidade» enciclopédica que, no século XVI, «acumula freneticamente» os materiais e dessa maneira coloca os fundamentos da ciência moderna (...) A embriaguez de saber e o prazer de ver penetram no obscuro e desdobram a interioridade dos corpos em superfícies oferecidas ao olhar (...) *Esta curiosidade conquistadora satisfeita de si própria, ocupada a desvelar o escondido, encontra-se simbolizada nas narrativas de viagem, nas quais o descobridor encara o desconhecido, vestido, armado, mestiço – face a uma Índia nua* ¹³.

Esta «curiosidade conquistadora», ainda que distorcida, suggestionada pela visão quinhentista, foi representada de várias maneiras nos textos das descobertas registrados em lusa-língua. Pode-se dizer que desde que os navegadores a serviço do Infante D. Henrique realizaram os primeiros ensaios pelo Atlântico e ao longo da costa da África inaugurou-se a chamada «literatura de viagens» na língua portuguesa. Constituída por um *corpus* textual bastante heterogêneo – variando de caso a caso – este tipo de literatura imprimiu-se e desenvolveu-se de acordo com o tipo de conexão entre o histórico-social e a notícia/informação que foi nela retratada.

¹² J. R. PINTO, *A Viagem...*, cit., p. 69.

¹³ Sublinhado meu, *apud* Francisco Rui CÁDIMA, *História e Crítica da Comunicação*, Lisboa, Edições Século XXI, 1996, pp. 57-58.

As notícias de além-mar, a princípio manuscritas, iriam consolidar-se, a partir da segunda metade do século xv, através da invenção do prelo de caracteres móveis, pelo alemão Johann Gensfleisch zum Gutenberg. Na verdade, imprensa¹⁴ e descobrimentos já se haviam fundido no passado medieval. «A imprensa primitiva mescla elementos modernos com outros medievais – no afã de imitar a tradição dos manuscritos – e coloca-se ao serviço dos descobrimentos a fim de propagar a idéia da cruzada contra o “infel”, além de atender aos propósitos comerciais.»¹⁵

Há que ressaltar, todavia, que grande parte dos textos dos descobrimentos está inserida no campo prático-técnico da marinharia, tendendo a uma circulação restrita entre intelectuais e sábios, ou mesmo com caráter utilitário entre os pilotos, que os manuseavam, e a cada viagem zelavam pelas correções dos conhecimentos que se iam acumulando pela experiência. Alguns outros documentos encontram-se entre a correspondência diplomática, pois a coroa portuguesa devia informar os seus embaixadores no estrangeiro, como também relatar os avanços e conquistas importantes da expansão ao Sumo Pontífice e a todos os príncipes europeus pertencentes à Cristandade.

Será, pois, especialmente por intermédio das obras dos navegadores, viajantes e missionários (sobretudo jesuítas) que a Europa será informada, com riqueza de detalhes, sobre as aventuras e desventuras nos novos mundos descobertos. É também através destas narrações que saem as traduções de obras portuguesas para outras línguas européias. «Eram as verdadeiras novidades da cultura portuguesa; uma dimensão concreta, uma variada informação, acerca da vida do homem sobre a terra.»¹⁶

Conversas entre marinheiros, pilotos, nobres e mercadores fervilhavam na Lisboa quinhentista. A curiosidade daqueles que ficavam em terra era tão grande que homens das mais variadas profissões, portugueses e estrangeiros, conseguem falsas autorizações para embarcarem em direção ao desconhecido... Porém, não era muito fácil conseguir informações resultantes da experiência ultramarina, principalmente no que se refere aos textos de marinharia, pois estes não deveriam ser divulgados. Assim, o período que se poderia considerar como a pré-história do jornalismo em língua portuguesa já vem acompanhado de uma certa dose de censura, justificada pelo sigilo dos novos conhecimentos náuticos, como também de outros saberes advindos das recentes descobertas¹⁷.

¹⁴ Faz-se necessário esclarecer que o termo imprensa, hoje vulgarmente usado como sinónimo de imprensa periódica, ou seja, de jornalismo impresso, envolve aspectos muito diversos; porém, o sentido primeiro utilizado para a palavra «imprensa» dizia respeito apenas à máquina de imprimir e é, pois, neste sentido que o termo é aqui utilizado.

¹⁵ K. WAGNER, *Viagens...*, cit., p. 233.

¹⁶ J. B. MACEDO, *Os Lusíadas...*, cit., p. 72.

¹⁷ Esta imposição real nem sempre era respeitada. Um dos muitos exemplos é a viagem, capitaneada pelo francês Paulmier de Gonneville, da qual participaram os portugueses

A história do jornalismo mostra que a difusão de notícias (especialmente nos séculos XIV e XV) está ligada, por alguma margem, aos portos europeus e às aventuras ultramarinas. Veja-se Veneza, que nesta altura fazia circular, entre os vários povos freqüentadores de seu porto, as *fogli* ou *foglietti d'avisi*, também chamadas *Notizie scritte*, que eram uns papéis em que se narravam as notícias que a tripulação de cada barco estava habilitada a transmitir. Assim, pela leitura desses escritos pagava-se uma moeda chamada *gazeta*¹⁸. Daí que *gazeta* e *folha* sejam termos ainda hoje utilizados para designar vários jornais periódicos. A seguir vieram os impressos *ocasionais*, que eram dirigidos ao público em geral e recebiam este nome por não possuírem periodicidade definida. Os primeiros *ocasionais* aparecem também na Itália entre 1470 e 1474 e em Viena a partir de 1488.

Em Portugal, a primeira folha noticiosa manuscrita aparece em 19 de Outubro de 1558. Intitula-se *Notícia da infelicidade da Armada de Sua Majestade Que Escreveu o Mestre da Sota Capitaina* (B.N.L., Cx. 2, n.º 28), constando de página e meia, e refere-se à famosa «Invencível Armada»¹⁹. O relato registra a luta das armadas de Espanha e Portugal contra os corsários ingleses, em guerra declarada por Felipe II, como forma de inibir o expansionismo marítimo da Inglaterra. Portugal, que nesta época estava sob domínio espanhol, perdeu doze navios, mas as embarcações que saíram do Tejo, em 27 de Maio de 1588, somavam uma tripulação de quase trinta mil homens, que foram derrotados por uma reduzida frota inglesa.

Refere-se também às experiências marítimas a primeira notícia impressa em língua portuguesa (curiosamente três anos antes da primeira folha noticiosa manuscrita que se tem registro): a *Relação do Lastimoso Naufrágio da Nau Conceição chamada Algaravia a Nova de Que Era Capitão Francisco Nobre a Qual Se Perdeu nos Baixos de Pero dos Banhos em 22 de agosto de 1555*. Escrita por Manuel Rangel, o qual se achou no dito naufrágio, foi impressa em Lisboa, na oficina de António Álvares, provavelmente em 1556. O texto integral (B.N.L., Res. 336/3v) foi transcrito no século XVIII pelo biblió-

Sebastião de Moura e Diogo do Couto, retratada por Leyla PERRONE-MOISÉS, em *Vinte Luas – Viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503 – 1505*, São Paulo, Cia. das Letras, 1992. Desta forma – e de outras, como por exemplo a venda de um portulano ao espião Cantino, muitas outras informações náuticas escapavam ao domínio lusitano. Desde os tempos do Infante D. Henrique que eram aplicadas penas aos nacionais que se intrometessem sem a licença régia nas suas navegações. As penas podiam variar entre o confisco dos navios e mercadorias até à pena de morte. Claro está que o objetivo era proteger a empresa marítima comercial portuguesa, monopolizando o poder sobre os mares, sobretudo fechando o Atlântico aos espanhóis. Baseando-se nestas premissas Jaime CORTESÃO fala do *Sigilo Nacional sobre os Descobrimentos*, Vol. I, fasc. 1, Lisboa Lusitania, 1924. Note-se, ainda, segundo MACEDO, *Livros...*, cit., que a «vigilância» das obras publicadas durante o século XVI advém, inclusive, de interesses dominantes não só do Estado ou da Igreja, mas também das casas nobres.

¹⁸ Alberto BESSA, *O Jornalismo – Esboço histórico da sua origem e desenvolvimento até nossos dias*, Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1904, p. 54.

¹⁹ José TENGARRINHA, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1989, p. 25.

filo Bernardo Gomes de Brito, na coleção *História Trágico-Marítima*, que abrange as relações de naufrágios ocorridos entre 1552 e 1602.

Estas publicações não tinham periodicidade definida, eram produzidas conforme a sucessão dos acontecimentos, para satisfazer a curiosidade de notícias e para divulgar, com extremo sensacionalismo, como fariam hoje alguns jornais, o heroísmo e a tragédia funesta deste tipo de informação. Estes tipos de relações surgiram como gênero literário novo, através de *folhas volantes*. «Era um jornal sinistro que só pretendia divulgar as fúnebres notícias das mortes, incêndios e mil misérias que corriam no mar os que se aventuravam a essas longas travessias.»²⁰

Em 1557 aparece a *Relação Verdadeira dos trabalhos que o Governador D. Fernando de Souto e certos fidalgos portugueses passaram no descobrimento da Florida. Agora novamente feita per hũ fidalgo de D'Elvas*, em Évora. Reimpressa pela Academia Real das Sciencias, em 1844, na *Collecção de Opúsculos relativos História das Navegações, viagens e conquistas dos portugueses*, com a intenção de recuperar a participação efetiva de vários navegantes portugueses na empresa espanhola relativa ao descobrimento da Florida.

Neste sentido, consideradas as diferenças de suporte e de objetivo do texto, a produção destas relações aproxima-se da natureza do jornalismo. Nelas está retratada a cobiça dos mercadores, que carregavam desmedidamente os navios, pondo em risco a vida de seus tripulantes; assim como a pressa na construção das naus, que nem sempre respeitava os critérios ideais para as lançarem ao mar. De certo modo, a *História Trágico-Marítima* é o reverso do heroísmo cantado por Camões n'Os *Lusíadas*, porque é a história representada por naufrágios que, exorcizando o acontecido, relatam o outro lado da moeda.

Não haveria forma de comprovar o fato de Vasco da Gama ter chegado à Índia em 1498, se não houvesse um testemunho do acontecimento. O roteiro/relato, atribuído a Álvaro Velho daria, na segunda metade do século XVI, legitimidade aos nautas portugueses na inauguração daquele trajeto marítimo, além de «prestar contas» ao reino e, futuramente, provar «responsabilidade de fato» perante à opinião pública. Seguido por Fernão Lopes de Castanheda na primeira edição da sua *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, o manuscrito sobre a viagem de Gama só foi descoberto em 1834, por Alexandre Herculano, no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que o trasladou para a Biblioteca Pública do Porto.

Entre 1555 e 1641 foram publicadas 32 relações. Vê-se na tabela as notícias que se destacavam nessas relações: Expansão marítima, naufrágios, relações com povos e descrições de terras distantes e proselitismo religioso, 14 (43,7%); assuntos religiosos, 6 (18,8%); notícias da Corte, 6 (18,8%); acontecimentos gerais do país e do estrangeiro, 3 (9,4%); batalhas, 2 (6,2%) e

²⁰ Fidelino de FIGUEIREDO, *Características da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1923, p. 383.

descrição de Lisboa, 1 (3,1%)²¹. *Grosso modo*, quanto à distribuição de assuntos, estas *relações* não diferem, em demasia, do jornalismo impresso atual, que respeita uma certa gama de editoriais para garantir, na diversidade de opções, o alcance de um maior número de leitores.

Deve-se ao impressor Valentim Fernandes²², atento às ondas de curiosidades que as viagens ultramarinas despertavam na população europeia, a idéia de publicar textos que revelassem imagens sobre as novas terras e os novos povos encontrados pelos portugueses. Já em 1502 decidiu traduzir – diretamente do latim – e editar, o *Livro de Marco Paulo*, ao qual acrescentou «certos capitulos das provincias do titulo real» de D. Manuel (sobre a Etiópia, a Arábia, a Pérsia e a Índia) extraídos de um livro em latim, «o qual livro foy enviado de Roma a el Rey dom Ioham o segundo», cujo paradeiro se ignora²³. Nos textos que Fernandes escreve para a abertura de *Marco Paulo*, nota-se o fascínio pelas transformações que os descobrimentos causavam ao reino português. Também inclui nesta publicação outras traduções de sua lavra: o *Livro de Nicolao Veneto* (narrativa de Poggio Bracciolini da viagem de Nicolau Conti à Índia, no início do século xv, impressa em latim em 1492) e a *Carta de Jeronimo de Santo Estevam*, sobre a visita de um genovês às Índias Orientais no final do século xv.

Ainda dentro do contexto expansionista, faz-se necessária a referência aos *relatos do presente*, que registravam acontecimentos sensacionais como os cercos de Diu ou a vitória de Lepanto, ou ainda notícias que exprimiam o gosto público pelas notabilidades (os elogios dos príncipes, os necrológicos, panegíricos, etc.). Ao que tudo indica estes *relatos do presente* assemelhavam-se às colunas sociais do jornalismo atual, ou, por vezes, com os sensacionalismos baratos da imprensa periódica. E entre 1501 e 1600 foram publicados 98 *relatos do presente*, que aparecem em quarto lugar na preferência das edições ao longo do período. Em primeiro lugar estariam os textos litúrgicos, seguidos das publicações estatais e dos relatos de viagens e corografias²⁴. De fato, um extenso leque de textos começará a ser publicado a partir do século xvi, dentre eles as aventuras e as tragédias do mar.

²¹ J. TENGARRINHA, *História da Imprensa...*, cit., pp. 29 e segs.

²² Apesar da divergência entre alguns autores que investigam esta área, é provável que as técnicas de impressão tenham chegado à Lisboa no final do século xv. Foi por volta de 1495 que se instalou na capital portuguesa a tipografia de Valentim Fernandes. Entretanto, de 24 livros publicados em Portugal até 1500, 12 são hebraicos (da tipografia de João Gherline, em Braga), 7 são latinos e 5 são em língua portuguesa.

²³ Artur ANSELMO, *As origens da Imprensa em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, p. 171.

²⁴ B. de MACEDO, *Os Lusíadas...*, cit.

3. As primeiras informações sobre o Brasil

E perguntou assim a todos se nos parecia ser bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, para a melhor mandar descobrir e saber dela mais do que agora nós podíamos saber, por irmos de nossa viagem ²⁵.

A notícia do achamento do Brasil já havia corrido de boca em boca pelos portos europeus, quando em 1501 D. Manuel redige a carta aos sogros e Reis Católicos de Castela, informando sobre a chegada de Pedro Álvares Cabral

(...) a huma terra que novamente descobrio, a que pôs nome de Santa Cruz (...) a qual pareço que nosso Senhor quys que se achasse, porque he muy conveniente e necessaria a navegação da Imdya ²⁶.

A epístola revela-se repleta de reticências. D. Manuel não divulga pormenores sabidos através da *Carta* de Caminha ou da *Carta* do Mestre João e prossegue dando informações sobre o seguimento da expedição para as terras indianas e sobre o suposto achamento do reino do Preste João, sem precisar a sua localização geográfica. À medida que os feitos marítimos se sucediam, D. Manuel espalhava comunicados aos monarcas da Europa e aos nobres do seu reino.

Em decorrência da viagem cabralina, ou melhor dizendo, das notícias trazidas para o reino, por Gaspar de Lemos, em Junho de 1500, D. Manuel envia Américo Vespúcio para o reconhecimento daquelas terras. Recatado, Portugal guardava, ou tentava guardar, informações sobre as novas descobertas. Preciosa fonte sobre os primórdios do Brasil foi editada por Valentim Fernandes, em 4 de Agosto de 1504, na relação *Navigatio Portugallensium ultra aequinoctalem Circulum*. «Deve datar desta época o início do seu interesse pelos relatos pessoais dos navegantes, com os quais Valentim Fernandes pretendia solidificar as informações que, metodicamente, começaria a coleccionar, a registar e a divulgar na Alemanha.» ²⁷

De fato, essas informações fazem parte do «*Manuscrito Valentim Fernandes*» ²⁸ e servem como prova da perspicácia editorial do famoso impressor/tradutor, que coletou várias obras descritivas das novas terras. Estes e

²⁵ Pero Vaz de CAMINHA, A Carta, edição de José Manuel GARCIA, *Viagens dos Descobrimentos*, Lisboa, 1983, p.173.

²⁶ Apud Banha de ANDRADE, *Mundos novos do mundo*, 2 vols., Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972, p. 270.

²⁷ A. ANSELMO, *As origens...*, cit., p. 174.

²⁸ O original conserva-se na Bayerisch Staats-Bibliothek de Munique, cuja cópia na Biblioteca Nacional, em Lisboa, tem a referência *Manuscritos Iluminados*, n.º 154. Podem-se consultar ainda as publicações de António BAIÃO, *O Manuscrito Valentim Fernandes*, de 1940, ou a leitura paleográfica de José Pereira da COSTA, *Códice Valentim Fernandes*, de 1997, ambas editadas em Lisboa, pela Academia Portuguesa da História.

outros textos foram enviados, entre 1506 e 1507, para o seu amigo Conrad Pentinger, banqueiro erudito e conselheiro de Maximiliano, residente em Ausburg, que certamente trataria de publicá-los.

Assim, as notícias acabavam saindo do controle português e eram divulgadas por intermédio de estrangeiros. Aproveitando-se da farta correspondência comercial com Lisboa (principalmente através dos mercadores florentinos) e religiosa (com a Santa Sé) os italianos fixam, para a posteridade, os primeiros opúsculos da expansão portuguesa. É de Américo Vespúcio o primeiro documento impresso onde aparecem informações sobre o Brasil: o *Mundus Novus*, datado de 1503 (logo após sua participação na viagem expedicionária pela costa brasileira), dirigido ao banqueiro florentino Francesco de Medici. Até então os documentos referentes ao Descobrimento do Brasil encontravam-se inéditos ²⁹.

O Brasil estaria novamente presente na *Copia de vna littera del Re de Portogallo*, impressa em Roma, em 1505: título enganador, visto que na sua composição entraram, por um lado, a carta que em 1501 D. Manuel I dirigiu ao rei de Castela sobre o regresso de Pedro Álvares Cabral a Lisboa (...), e, por outro, a correspondência de mercadores italianos fixados em Portugal, respeitante à «carreira da Índia» entre 1504 e 1505. O Brasil (...) é aí chamado «Terra de Santa Croce» e «Terra Nuova o vero Mundo Nuovo» ³⁰.

É na Itália que se divulga o texto *Paesi Nuovamente Retrovati*, compilado e organizado por Fracanzio da Montalboddo, em 1507. No ano seguinte, vertido para latim, aparece sob o título *Itinerarium Portugallensium*, pois era do interesse de toda a Cristandade (e principalmente da Itália, que havia financiado parte das descobertas marítimas) a difusão das notícias de além-mar.

Nesta época, a imagem que os europeus tinham dos índios da então América Portuguesa é a da mitologia edênica tão bem estudada por Sérgio Buarque de Holanda. A idéia difundida era de que os silvícolas eram pardos, misturavam-se facilmente com os brancos... E viviam numa terra de bons ares e boas águas, em harmonia perfeita com a natureza, como no tempo de Adão e Eva. Pero Vaz de Caminha, em certa medida, segue os padrões da percepção quinhentista em sua famosa *Carta* de 1500. Porém, o texto ficaria inédito por três séculos, assim como tantos outros redigidos na mesma altura ³¹.

Imagine-se que já em 1515 notícias sobre o Brasil eram divulgadas na Alemanha. Era a *Newen Zeytung auss Pressillg Landt* (*Nova Gazeta da Terra do Brasil*), redigida, em 1514, provavelmente por um comerciante alemão,

²⁹ Confira a edição de Joaquim Romero MAGALHÃES e Susana Münch MIRANDA, *Os primeiros 14 documentos relativos à Armada de Cabral*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

³⁰ Luís de MATOS, introdução, *Itinerarium Portugallensium*, Lisboa, Gulbenkian, 1992, p. xxvi.

³¹ Veja-se em Maria Cecília GUIRADO, *Relatos do Descobrimento do Brasil: as primeiras reportagens*, Lisboa, Editora Piaget, 2001.

na Ilha da Madeira, endereçada a um amigo residente na Antuérpia. Num folheto anônimo, de 4 folhas, encontra-se a narração de uma importante empresa marítima realizada ao longo do litoral brasileiro, talvez pela armada de Cristoval de Haro e D. Nuno Manoel. Divergem os estudiosos do documento³² quanto às questões históricas e paleográficas que lhe são inerentes, porém não negam que as informações sobre a abundância de metais na bacia do Prata, sobre a livre negociação do pau-brasil, e sobre o peculiar *modus vivendi* dos selvagens «serviram de excelente meio de propaganda pela Europa, na linha das notícias anteriormente recolhidas, pelas poucas frotas enviadas até então para essas regiões»³³.

Na sequência das informações mais relevantes sobre os primórdios das terras brasileiras está o *Diário da Navegação*, de Pero Lopes de Sousa, que espelha os primeiros confrontos entre portugueses e índios. Mesmo que redigido por um navegador, preocupado em cumprir as ordens de seu irmão Martim Afonso, o documento revela a exploração do rio da Prata, assim como estabelece as primeiras fronteiras do Brasil Colônia³⁴.

Da História Trágico-Marítima importa conferir, particularmente, a relação do Naufrágio que passou Jorge de Albuquerque Coelho vindo do Brasil para este Reino no ano de 1565, escrito por Bento Teixeira Pinto, que se achou no dito naufrágio. O autor conta a história que se passa no tempo da rainha D. Catarina, que governava Portugal por seu neto El Rei D. Sebastião. Ao chegar na corte informações vindas da capitania de Pernambuco de que os gentios haviam se levantado contra os portugueses, a rainha manda Duarte Coelho de Albuquerque, herdeiro da capitania, que a fosse socorrer, levando consigo seu irmão Jorge de Albuquerque Coelho, no ano de 1560. Após cinco anos de lutas para restabelecer a paz em Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho volta para Portugal. O autor registra todos os fatos ocorridos: tormentas, personagens de bordo, acidentes geográficos e técnicas de marinharia com plausível segurança. Tal como um repórter, cita frases inteiras, entre aspas, dos diálogos entre Jorge de Albuquerque e os inimigos franceses que se cruzam pelo caminho.

Para fechar o ciclo das primeiras informações sobre o Brasil do século XVI, tem-se nos textos de Pero de Magalhães de Gândavo (a *História da Província de Sãcta Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, de 1576, e o *Tractado da Terra do Brasil, no qual cõtem a informação das cousas que ha na terra...*, de 1579), o registro rigoroso do início da colonização portuguesa

³² A cópia manuscrita do original encontra-se no Arquivo dos Príncipes e Condes de Fugger, em Ausburgo, onde a encontrou Konrad Haebler em 1895. Veja-se fac-símile publicado por Esteves PEREIRA, «O descobrimento do Rio da Prata», *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, Porto, Litografia Nacional, 1924. Ocuparam-se ainda do documento os escritores HUMBOLDT, VARNHAGEN, d'AVEZAC e Capistrano de ABREU, entre outros.

³³ B. de ANDRADE, *Mundos...*, cit., pp. 865-866.

³⁴ Maria Cecília GUIRADO, «Primeiros confrontos entre Portugal e Brasil: O Diário de Navegação de Pero Lopes de Sousa (1530-1532)», *Anais de História de Além-mar*, Vol. I, 2000.

no Brasil. Gândavo descreve, para além da fauna e da flora exuberantes, o *modus vivendi* das tribos brasileiras que habitavam a costa. Seus textos podem ser considerados verdadeiros livros-reportagens, pois ultrapassam o caráter meramente noticioso ³⁵.

Pistas apenas

A informação contida nos textos das descobertas de além-mar empolgava os leitores europeus daquela época, essencialmente porque ali estavam representadas as novidades daqueles que viajaram, viram e voltaram para contar o vivido (ou ainda aqueles que enviaram o seu texto para um destinatário que garantiria a posteridade do relato). Antes disso, apenas fábulas e lendas povoavam o imaginário ibérico. Foram também sobre os escritos resultantes da façanha das conquistas ultramarinas que se debruçaram os cronistas portugueses ³⁶ para contar a saga de um pequeno país que, contrariando as lições dos humanistas livrescos de Itália, abriria novas perspectivas práticas para a Europa Renascentista.

O surgimento do jornalismo ou do pré-jornalismo europeu varia de acordo com os avanços ocorridos na História particular de cada país, condicionado aos momentos em que se verifica algum progresso significativo, tanto no terreno da liberdade de expressão como a nível da técnica, da difusão das idéias... ³⁷ Por este ângulo, pode-se supor que o surgimento dos primeiros fenómenos jornalísticos em lusa-língua, possam estar enredados à experiência marítima dos descobrimentos, pois é este momento histórico capaz de fazer circular, cada vez mais rapidamente, informações que se cruzavam nos mares e nos portos, alargando o campo de observações científicas e culturais do agitado século XVI.

Esboça-se, pois, este breve estudo apenas na tentativa de suportar a hipótese de que os descobrimentos portugueses, aliados à invenção da imprensa, viriam a desvendar e difundir os novos mundos e as novas idéias: início da comunicação global, sob os signos da viagem, da descoberta e da circulação de bens e de saberes.

³⁵ GUIRADO, *Relatos...*, cit., parte III.

³⁶ Vejam-se especialmente as obras de: Gomes Eanes ZURARA (*Crónica da Tomada da Cidade de Ceuta e Crónica da Guiné*); Gaspar CORREIA (*Lendas da Índia*); Fernão Lopes CASTANHEDA (*História dos Descobrimentos e Conquista da Índia pelos Portugueses*); João de BARROS e Diogo do COUTO (*Décadas da Ásia*).

³⁷ A. P. QUINTERO, *História...*, cit., p. 11.